

Apresentação

No dia 28 de maio, em meio ao *VIII Encontro de Leitura e Escrita nas Sociedades Indígenas*, realizado entre 24 e 28 de maio de 2010, na Universidade Federal da Grande Dourados, Bartomeu Melià, gentilmente, nos concedeu uma longa entrevista que agora trazemos a público. A entrevista foi realizada em duas etapas, uma pela manhã, na sala do acervo do Centro de Documentação Regional da UFGD, e a outra, à noite, após o jantar, numa sala do hotel onde Melià estava hospedado.

Quando sentamos para preparar este encontro, nos demos conta de que havia dois eixos centrais que poderíamos seguir: um teórico e outro biográfico. Optamos pelo eixo biográfico por considerar que os posicionamentos teóricos do professor Melià já são amplamente conhecidos, haja vista que suas publicações são bastante difundidas e que são referência muito frequente nas pesquisas sobre os povos de língua Guarani. Além disso, outras entrevistas já publicadas focaram principalmente na produção acadêmica do autor. Obviamente, não seria possível falar com Melià sobre sua vida sem mencionar suas experiências e pesquisas com os povos indígenas, em especial com os guarani falantes. Por isso, o teor da entrevista não se circunscreve somente ao conhecimento da trajetória do autor, tem-se aqui também a oportunidade de conhecer os posicionamentos de Melià sobre alguns temas, até mesmo polêmicos de sua pesquisa.

Seria muita prolixidade se estender nesta apresentação, pois o próprio Melià se apresenta na entrevista. Queremos apenas registrar que em dezembro de 2010, Melià foi agraciado com o prêmio “Bartolomé de Las Casas” concedido pela Secretaria de Estado de Cooperação Internacional do Ministério espanhol de Assuntos Exteriores e Cooperação e pela Casa da América. O prêmio é concedido, desde 1991, a pessoas ou instituições que se destacam na defesa dos povos indígenas da América. Os méritos considerados pelo comitê julgador para a concessão do prêmio foram: a entrega de Melià às causas dos povos indígenas do Paraguai, do Brasil, da Argentina e da Bolívia; sua ferrenha e inquebrável defesa do

povo Aché; sua defesa da língua guarani, seus esforços no campo da educação escolar indígena e seus estudos antropológicos sobre os povos guarani. Consideramos que tal prêmio, além de uma valiosa honraria, representa o reconhecimento, quase unânime, da dedicação de Melià às causas indígenas e de sua inestimável contribuição acadêmica no campo da antropologia, da história e da linguística, em especial daquelas relacionadas aos povos guarani falantes.

Registramos também nosso agradecimento ao professor, que sempre se mostrou muito gentil e atencioso conosco, não só nesta entrevista, mas em todos os momentos em que recorremos a ele para suas valiosas orientações.

Na transcrição da entrevista, optamos por manter quase que integralmente as características do texto oral, foram pouquíssimas as adequações formais, feitas somente quando as consideramos imprescindíveis para a leitura. Fizemos essa opção porque a entrevista foi concedida num espaço de bastante informalidade e descontração, maiores adequações das falas às normas da linguagem formal, privariam o leitor deste contexto, que em alguns casos, é muito importante para a compreensão dos sentidos de cada fala proferida pelo entrevistado.

Entrevista: Pe. Bartomeu Melià S. J.

REHR (Cássio): O senhor nasceu em Porreres, Mallorca, Espanha, em 1932, poderia nos falar da sua infância e juventude, sua vida familiar, enfim, sobre o período em que viveu na sua terra natal.

Pe. Melià: Bom, como disse o Guarani “enquanto eu me senti”, eu me senti quer dizer, enquanto a gente tem memória... As primeiras lembranças que a gente tem são curiosamente da primeira comunhão, mas não do dia da primeira comunhão, mas do ano seguinte a essa primeira comunhão, que eu pensei que também era festa, aí minha mãe disse: “não isso foi o ano passado, agora você já comunga todos os domingos, isso acabou”. Propriamente eu nasci, mas não tinha consciência nenhuma, no tempo da república espanhola, depois no ano de 1936 houve aquela guerra civil, Mallorca ficou desde o início, devido ao que o comandante militar era do

setor do Franco, ficou sempre com os chamados “nacionais”. Lá, nós não sentimos a guerra quase, só me lembro que meu pai tinha uma pequena fábrica de metalurgia, ela foi assinada para fazer peças, peças assim muito simples, peças de guerra que nós chamávamos, material de guerra, mas era uma coisa muito simples. Aqueles tempos, eu não percebi, mas já escutei alguma coisa, lá pelos anos de 38 e 39, estava escutando alguma coisa. Na minha casa não se falava... Lá na minha cidadezinha tem um oratório, uma espécie de um oratório bastante antigo, da Santa Cruz, que está perto do cemitério, e lá detrás desse oratório eram fuziladas, sistematicamente, muitas pessoas tidas como comunistas ou republicanos, não da vila, não necessariamente de lá, eram trazidos para lá. Isso ficou sempre assim, a gente sabia, depois quando eu era maior, a gente ia ver a porta, a onde ainda tinha muito... [pausa], buraco de bala etc.. De modo que, agora sim, agora se escreveu uma história na minha língua, e o título é muito interessante: “desfile de dia... desfiles gloriosos de dia, fuzilamentos de noite”, que mostra um pouco esse sentido trágico, mas depois, como os “nacionais” ganharam nunca se falou muito disso, a gente sabia que, por exemplo, o pai da nossa empregada tinha sido morto, mas também ela não falava, e aparentemente não tinha uma raiva assim..., não expressava isso. Bom, isso um pouco para dar o tom do que pode ter sido a minha infância até os sete e oito anos. Tradicionalmente, na cidadezinha, todo mundo ia à escola das irmãs, eram dois grupos de irmãs, tinha as irmãs “azuis” e as “pretas”, mas quer dizer que uma era da caridade e outra era de São Francisco, eu ia naquela da caridade. E era um relacionamento muito interessante porque a gente não se lembra de nada, eu não me lembro de ter aprendido nada, mas nós éramos bastante bem alfabetizados, tinha uns conhecimentos muito relativamente superficiais das coisas, mas isso fez com que aos dez anos, a gente fez uma prova e passei para a “secundária”, sem mais problemas. Eu não fiz o ensino básico, isso não existia, depois quando a gente tinha dez anos, de fato eu tinha nove ainda, fiz a prova, passei e comecei o estudo da secundária, e fui da primeira turma..., éramos quatro, dois rapazes e duas meninas, que começamos essa secundária lá ainda nesta cidade. Porreres que é o nome da cidade, então, primeiro é uma cidade encantadora, o pessoal se sente muito orgulhoso dessa cidade, é uma cidade

antiga, de mil duzentos e sessenta e dois, praticamente não foi modificada. As ruas, certamente, o primeiro núcleo, depois o outro eu não sei de quando é... E nós temos uma igreja enorme que chamava a “Catedral da Ilha”, a “Catedral, nova capital”, mas todo o resto é enorme, uma igreja de mil setecentos e tanto, um órgão extraordinário, e nós nos sentimos uma cidade muito culta, agora, depois na base de um legado inicial, já tem um museu de arte moderna (risos)..., agora fizeram uma praça e tudo caprichado. Então, nós nos sentimos assim. O meu avô tinha um pequeno..., uma oficina metalúrgica, sem deixar de ser agricultor, o meu pai e o meu tio que ficaram juntos, eles tinham..., ah!, então, o meu avô e também o meu pai, eu acho que é uma espécie de metáfora da minha vida, eram forjadores de ferro, então toda minha vida eu escutava aquele golpe de ferro, e vira, até..., ferro artístico. O meu pai depois deixou, porque tinha outros negócios um pouco mais importantes, mais ele não deixou de ser um forjador, e tinha um primo, que depois faleceu, que era considerado um dos melhores forjadores da ilha. Eu gosto muito de ir pra minha cidade, não tenho saudades assim de, nunca pensei em voltar lá para ficar, mas quando eu vou eu faço questão de me sentir..., até sempre me sinto muito honrado, agora acho que faz dois anos que eu recebi uma medalha de ouro, que é bastante raro (risos), não é muitos que tem uma medalha de ouro da cidade.

REHR (Thiago): A língua que é falada em Porreres originalmente é o castelhano mesmo?

Pe. Melià: Não, a nossa fala ela era só um dialeto do Catalão. É um dialeto do Catalão. E até a nossa cidade tem um pequeno sotaque que é muito próprio dela, de modo que toda a minha infância eu sempre falei a minha língua, só no secundário as aulas eram em espanhol, em castelhano. Bom, mas também não tive muito problema, nunca esqueci nada... O pessoal, quando eu volto pra lá diz: “olha, mais..., vocês falam a nossa língua lá no Paraguai?”. Praticamente..., esqueci muito pouco. Eu chego lá, no dia seguinte vou para a Igreja faço a missa, faço a pregação, na minha língua, às vezes tem algumas dúvidas, alguma palavra que não..., mas nesse sentido, e talvez, talvez um pouco esse meu hobby, que quase se tornou profissão acadêmica do bilinguismo, isso me ajuda na reflexão sobre a minha história

linguística.

REHR (Cássio): Como se deu sua vocação religiosa? E porque a opção pela Companhia de Jesus?

Pe. Melià: Então, a partir de treze, quatorze anos, eu fui para o Colégio dos Jesuítas da cidade, porque meu pai queria que eu falasse bem espanhol, ele sabia que nesse Colégio, pelo menos, se falava castelhano. Também era um colégio muito especial, porque era um colégio que estava já construído lá pelos mil quinhentos e oitenta e tantos. Já houve um santo canonizado que morou lá, morreu lá também, santo Afonso Rodrigues, e passou por lá outro santo famoso, o “patrão dos pretos” da América Latina, São Pedro Claver também esteve lá. O claustro desse colégio é daquele tempo. Então, as pedras do pátio, têm uma espécie de..., são umas pedras que fazem a divisão entre o pátio e o corredor, essas pedras nunca foram trocadas, então... de tanto pular, as crianças lá, porque esse colégio existe ainda, o colégio dos jesuítas, essas pedras já estão meio comidas (risos).

REHR (Thiago): Em que cidade é?

Pe. Melià: É Palma de Mallorca. É um colégio muito bonito, é uma obra artística, a igreja também ao lado, uma igreja barroca, que figura entre os livros de arte. Nesse sentido, eu também... Quando a gente é criança não percebe, mas eu considero que viver nesses ambientes realmente belos, uma arquitetura belíssima, aquelas ruas antigas, ainda a rua que sai do colégio, o colégio chama “Monte Sion”, porque ele..., a igreja foi construída sobre uma sinagoga. A entrada do bairro é uma seta, era uma espécie de gueto, mas que depois se tornou o bairro da aristocracia. E aí tinha o colégio dos Jesuítas, mas as ruas, muito dos palácios daquele tempo ainda estão lá, agora estão renovados, mas tem a fachada restaurada etc..., e, sobretudo, está perto do mar, tem a grande muralha que também se conservou, que agora dá sobre uma autopista, mas a autopista está quase sobre o mar... Então, desde aquela muralha, onde está a catedral, onde está o convento das Irmãs Clarissas, tudo isso é muito belo, os turistas contemplam lá, e eu gosto muito, quando vou lá, perco às vezes uma, duas horas dando voltas por lá. E vocês falavam a vocação religiosa...

No colégio de jesuítas a gente escutava falar de São Francisco Xavier, de São Pedro Claver, tínhamos lá a tumba desse santo..., Santo Afonso Rodrigues, cada noite a gente passava por lá, depois... eu estava fazendo parte de um grupo de reflexão, fazíamos pequenos trabalhos, e, ...não sei o que botei no trabalho dele..., então, de fato não era o bispo, era o padre, ele botou (no trabalho): “e você não seria um deles”? Provavelmente estava falando dos apóstolos. “Não seria você um deles”? E parece que isso me impactou. Depois houve um ano de preparação. E meu pai, ...eu sou o “maior” da família..., não gostou nada da ideia, porque eu comuniquei para ele o dia que... mais ou menos, em que eu já era para decidir se eu ia para a Universidade ou se depois da Secundária..., e eu disse, “eu vou ser jesuíta”. A minha mãe concordou, houve aquela choradeira, meu pai ficou muito bravo, “vou te deserdar” (risos). Depois acabou com o tempo..., e no fim estava muito orgulhoso da gente. E também depois de pouco tempo foi me visitar no noviciado. Eu entendo, porque o outro irmão é dez anos menor, então para a firma, para tudo representava..., mas eu (risos) até olhando as coisas menos espiritualmente, eu não teria servido para lidar com esses negócios, porque meu pai além da fábrica que já era maior, de fato era uma fonte de trabalho para toda a cidadezinha, até hoje eu encontro filhos dos nossos operários, que são muito agradecidos porque era uma fonte de trabalho para esta cidadezinha, era um fator importante. Então também ele comprava grandes quantidades, centenas de toneladas de amêndoas e albaricoque (pausa). Em francês é albaricoque... esse que vende às vezes seco, uma fruta que às vezes se vende já seca, amarela, roxo, amarelo..., uma espécie de damasco. Damasco, conhece? Era uma espécie que lá se produzia em grandes quantidades, secava ao sol, depois conservava, com uma espécie de..., uma substância aí, fechava dentro de umas câmaras e depois se vendia mais de uma tonelada para exportação, até para o Brasil, para todo o norte da África, porque é uma fruta de países quentes, então para todo o norte da Europa, a melhor época de colher... isso era os grandes negócios da minha família.

REHR (Cássio): O senhor falou da entrada na universidade, como foi sua formação na Companhia de Jesus? Como sua formação se relaciona com o trabalho

científico?

Pe. Melià: Eu tenho uma lembrança muito, muito boa da formação, muito curiosamente. Temos dois anos de noviciado, com o mestre de noviços, uma pessoa extraordinária, que depois foi provincial, que depois foi conselheiro do padre geral, depois foi provincial de novo na Bolívia... homem extraordinário, essas pessoas de governo mesmo, de governo paternal, firme ao mesmo tempo, porque às vezes tem problemas muito sérios a nível nacional e internacional, ele chegou a estar na pequena cúpula dos jesuítas. Então, se foi mestre de noviços. O lugar onde era o noviciado também era uma verdadeira jóia arquitetônica, é uma igreja do século XII, começada no século XII (risos), fria no inverno, fria...!, mas era muito bonita, era românica, que depois terminou em gótica, em parte, com claustro também gótico, extraordinário! Agora não é mais dos jesuítas, é do Estado. Nós chamamos lá província, que locou ela, restauraram...

REHR (Cássio): Fica onde?

Pe. Melià: Já é perto de Saragoça. Perto de um *cerro* bastante *largo*, onde quatro, cinco meses ao ano estava sempre com neve. E também a neve chegava até o lugar onde nós estávamos, tínhamos calefação, mas naquele tempo, parte pelo sacrifício, para mostrar que a gente era o tal..., tomávamos água do chuveiro às seis da manhã, fria! Completamente fria! Aquela água que às vezes no outubro ficava congelada, quase não passava água, só quando passava um pouco de água, era gelo puro, e nós, eh, pronto com isso (risos). Com isso a gente acordava (risos). Bom, e depois nós temos os anos de formação humanística. Formação humanística era, sobretudo, o latim, grego, terceiro lugar, um pouco de literatura espanhola e algumas horas na semana, um pouco de música e também de história da arte e um pouco mais. Com isso se cumpria aquilo que acho que seria muito bom que a educação continuasse a fazer, é difícil, é caro também, mas a boa formação de uma criança bastaria com ler, escrever e cantar. Essas três coisas são suficientes. Todo o primeiro ciclo, do primário, bastaria com uma alfabetização boa, quer dizer que entende, não somente perdida. Ler, escrever, contar, é eu tinha esquecido..., contar, uma matemática, pelo menos básica, e cantar. E no cantar você pode colocar toda a

parte assim, um pouco mais das artes. Artes, artes plásticas, teatro, etc. Então, com isso, porque nós temos uma formação da criança, se pretendia que fosse uma espécie de *google*, onde está tudo, isso se mostrou inútil. O conhecimento, você aprende e esquece no dia seguinte, agora, aprender a ler fica para toda vida, é como aprender andar de bicicleta ou nadar. Aprender a ler, uma leitura, e essa leitura é claro que depois se torna às vezes uma leitura que faz com que você escreve, e aos poucos você escreve de uma forma criativa, para isso você lê outros, procura não só copiar. Não é o pé da cópia. Eu tenho as minhas reservas, talvez pela idade, sobre os métodos da computação, bom, os métodos assim, eletrônicos, porque tem muitas pessoas que olha aquilo, nem sequer lê, copia e passa para, faz um apanhado que de fato depois nem sabe a razão do que estão apresentando, então, é esse sistema. Aí, quando eu já estava com três anos nisso, eu fui destinado ao Paraguai. E no Paraguai, que era um pouco fora do normal, porque o curso esse que nós chamamos de juniorado, é três anos normalmente, aí nós tínhamos o quarto ano que foi língua guarani. língua guarani também, as vinte quatro horas do dia, sem contar a noite... (risos). Mas, também a gente não podia estar todo dia no guarani. Naquele tempo eu li bastante, coisas que já não li outra vez, coisas que eram consideradas os clássicos da história, era a história da ideologia paraguaia, livros também dos jesuítas, da história dos jesuítas, daquelas missões que foram lá, onde a gente leu isso. Às vezes fazíamos um resumo, etc., escrevia alguma coisa, e depois íamos a cavalo passear, íamos a pé aos bairros, mas bairros quer dizer longe da cidade. Catecismo.

REHR (Thiago): Em Assunção?

Pe. Melià: Não. Isso era *Paraguarí*, uma cidadezinha que, embora era capital do..., aqui seria estado, mais lá é departamento. Então, essa capital que nós estávamos era cem por cento guarani, na língua né. Naquele tempo nós não tínhamos luz elétrica, assim, às oito horas já estávamos na cama, depois lá pelas cinco horas já acordávamos, de modo que tínhamos a missa lá ainda quando estava escuro, e quando chegava a luz já, tínhamos tomado café da manhã. Já podíamos começar a estudar, estudava língua guarani, principalmente.

REHR (Thiago): Então, o principal objetivo foi vir para estudar a língua guarani?

Pe. Melià: Língua guarani. Era o nosso destino. É interessante porque naquele tempo o superior provincial que nós tínhamos nesse momento, ele era catalão e acreditava enormemente nas línguas indígenas, e de modo que, quase nos ameaçava (risos), meio assim de brincadeira: “você não vão para a etapa seguinte se você não souberem guarani, porque é o futuro do Paraguai”. Naquele tempo, os próprios padres jesuítas, espanhóis, alguns da Argentina, que não sabiam guarani, muitos deles nunca quiseram estudar guarani, também pela idade, eles consideravam que “essa língua ia durar vinte anos”. Estou falando agora e faz cinquenta e cinco anos, e de fato o guarani não se fala melhor, mas tem muito mais pessoas que falam o guarani, simplesmente pelo aumento vegetativo da população. Curiosamente, o pessoal pensa que eu tenho facilidade para línguas, não tenho tanta facilidade. Me lembro, uma senhora que dizia, “ah, você nunca vai falar bem o guarani”, e de fato eu não falo bem, meu sotaque não é..., eu tenho muitos colegas que falam muito melhor, colegas espanhóis, os paraguaios naturalmente, mas falam muito melhor. Eu sou às vezes um pouco “sem vergonha” e digo “é, eles sabem melhor o guarani, mas não sabem mais do guarani do que eu” (risos).

REHR (Cássio): Depois o senhor retornou à Europa e completou os seus estudos...

Pe. Melià: Então, aí aconteceram algumas coisas que não tem tanto interesse..., eu fui destinado para ir a Europa, em 58. Porque eu fiz uma fase que normalmente se faz depois dos estudos de filosofia que é uma espécie de..., um tempo de prática nos colégios jesuítas. Você é jovem ainda, então, você tem umas aulas. Tudo isso fiz antes de ir para França, eu já fui para o colégio, porque se pensava que iam precisar, depois não precisaram, mais depois eu tinha ficado lá, já aproveitei. Naquele tempo, eu estava com trinta aulas semanais, trinta aulas, você imagina, e ainda era o encarregado do internato dos meninos, e aqueles meninos, muitos deles eram meninos de famílias que não aguentavam eles na sua própria casa (risos). Alguns desses meninos, que eram filhos de fazendeiros, não sei o que..., dormiam com revólver na cama, é meio de brincadeira, mas você imagina, meninos de doze

anos com revólver, e depois um deles era pessoa inocente assim, um deles, já faleceu, um tem sido deputado, senador, não sei o que, mais muitos *stronistas*. Então, eu já tive de tudo. Aí fui em 58 para a França e de novo tive uma educação filosófica extraordinária, com professores de primeiríssima categoria em Filosofia. Era uma faculdade eclesiástica, um pouco difícil, os títulos tinham de alto gabarito. E nós, tínhamos um tipo de Filosofia que não tinha na Espanha ainda naquele tempo, que era a confrontação com textos filosóficos, originais. Naquele tempo eu..., agora eu já esqueci..., eu lia Platão, Aristóteles, em grego. Os textos em latim, Santo Thomas. Bom, a língua de Santo Thomas, ele era italiano, mas os escritos dele eram em latim. Mas também, naturalmente os filósofos franceses em francês, só os alemães, com traduções francesas. Naquele tempo se falava que os próprios alemães para entender a filosofia alemã, a liam em francês, porque estava mais claro do que em alemão. Era um curso típico de tudo, de tudo, mas muito sistematicamente, todo o período grego, depois a Idade Média, o Santo Thomas no centro, passávamos também por aqueles autores, o Dionísio, Santo Agostinho, etc. Depois a Idade Média, e depois os famosos que estão preparando e que começam com Descartes. E depois de Descartes, Kant, bom, estou passando muito... Às vezes, tínhamos alguns pequenos seminários sobre autores, que agora quase nem me lembro, bom, me lembro do nome, por exemplo. O Hobbes, o Espinoza, toda essa filosofia que é praticamente do século XVI e XVII, e depois, o prato forte era Hegel. E tínhamos também matérias, como naquele tempo ainda se usava, não somente de autores, mas também da sistemática, a chamada teodicéia, a filosofia moral, a história da filosofia, etc. Eu também tinha uma lembrança extraordinária, extraordinariamente boa, era um lugar bem bonito, mas também muito frio. A gente estudava até sábado, o nosso dia de descanso era quinta de tarde, depois até sábado a gente estudava, um pouco mais suavemente, e domingo, mesmo no domingo, a gente aproveitava o descanso para ler, literatura francesa.

REHR (Thiago): E o senhor fez o doutorado lá também?

Pe. Melià: Não, não. Isso era Filosofia. Depois da Filosofia, como eu já tinha feito esse período, que normalmente era depois da Filosofia, eu já continuei direto com a

Teologia, e aí fui para a Espanha. Para mim, essa Teologia representou um retrocesso, porque era um método completamente..., coisas que na Espanha nem os professores se sentiam com a liberdade de ler. Eu já tinha lido, textos que naquele tempo na Espanha era quase proibido, por exemplo, você pedia o livro na biblioteca, não davam para você. Eu queria escrever um artigo. Para escrever um artigo eu precisava reler, tive que ir para o reitor da faculdade de Teologia, aí ele falou: “bom, você já leu?”. Sim, eu já li, só quero confirmar. “Bom, tudo bem e tal”. Ele deu licença para retirar o livro. Uma Teologia muito mais sistemática, e os professores, pessoalmente eram pessoas boas, mas não eram grandes professores. Bom, aí passaram quatro anos, e no terceiro ano já foi a minha ordenação sacerdotal. Na minha terra, ou seja, eu voltei para Mallorca, e curiosamente, a minha mãe já estava doente, e faleceu no mesmo dia da minha ordenação sacerdotal. Ou seja, a minha primeira missa, foi a missa de defuntos para minha mãe que estava lá morta. Não sei se me lembro, porque de fato, coisa que não se faz mais, enterramos ela já de noite, não muito de noite, mais já bem escuro, entre uma coisa e outra, demorou um pouco. Depois tinha um ano ainda, e depois tínhamos um ano de novas reflexões, sobretudo, parte de estudo, etc, que nós chamamos a “terceira provação”, isso eu fiz na Áustria. De novo (risos), na Áustria, um lugar na Áustria, lugar de muito frio, de muita neve. Quando eu falo isso, eu quero dizer que quando é um lugar de muito frio e de muita neve, você quase tem que ficar dentro do quarto, não dá para passear. Se você sair para passear é para fazer exercício. Aí de novo, numa espécie de um pequeno palácio, que tinha sido o palácio do bispo, também não era uma coisa luxuosa, com essas calefações aí, antigas a carvão que bastava alimentar só uma vez no dia que dava perfeitamente para todo o dia, na manhã seguinte, bom...

REHR (Cássio): E depois, porque retornar para o Paraguai?

Pe. Melià: Ah, espera. Então, depois disso comecei o doutorado na França, isso foi em Estrasburgo. Também uma cidade muito bonita, a catedral de Estrasburgo é famosa na Europa, tem uns canais dentro da cidade, está perto do rio Reno, e com frequência eu ia para Alemanha. Para o doutorado, eu passava, às vezes um mês inteiro na Alemanha pesquisando no Ibero Americano Instituto, que naquele tempo,

não estava ainda no prédio onde está agora. E voltava, e depois ia um mês na Espanha, também para pesquisa, depois, um mês em Roma. Isso era no momento que estava em plena tese, e aconteceu o “maio francês” de 68, mas eu fiquei bastante por fora. Nesse tempo, fui para Roma, quando começou a grande revolução. Depois, nem os trens funcionavam. Foi quando começaram a funcionar os trens que voltei para França, desde Roma. Em Roma fiz pesquisas nos arquivos, etc.. Então, outra coisa que tive muita sorte, eu sempre tive a disposição boas e grandes bibliotecas, extraordinárias para o que eu pretendia. E também, embora não era a época da Internet, eu consegui documentos, as pessoas assim, enviando cartas, comprando livros, até no Brasil, nos sebos, enviavam livros. Os livros chegavam sem nenhum problema, eu pagava e recebia, nunca houve nenhum problema, com relativa rapidez conseguia a documentação. E assim fiz a tese, com um professor que quando eu falei se ele concordava em ser meu orientador, ficou..., disse: “olha, acho que é a primeira vez na vida”, porque a minha matéria da tese era a língua guarani e a sua conversão, vamos dizer. Então, quando eu falei pra ele, ele disse: “olha, eu acho que quase é a primeira vez que escuto a palavra guarani”. E disse: “bom, tá”. Ele era especialista em um fenômeno que se deu também no latim, ele era especialista na obra de São Leão, São Leão Magno, que foi um romano que fez com que o latim, o latim de um povo que não era cristão, os romanos não eram cristãos. Então, ele transformou essa língua para que ela expressasse conceitos cristãos, de modo que ele não era só considerado um teólogo, mas também uma espécie de filósofo da língua. E ele era grande especialista nisso. Mas a sua orientação foi muito de longe, porque eu chegava lá... Naquele tempo o doutorado era muito..., não vou dizer fácil, mas, muito livre. Eu não chegava a reunir com ele, nem sequer a cada três meses, e para o doutorado não tinha aula, não tinha nada, completamente livre. Estava escrito, e eu fazia o doutorado. Eu assistia às aulas se me interessava, se não interessava não ia para aula nenhuma. Às vezes, eu fui a um grupo de aulas porque eram professores famosos, era um filósofo cristão bastante famoso na época, na linha do Hegel, do personalismo, uma espécie de existencialismo cristão, etc. E, o que é um pouco vantagem também, além do estudo de guarani, da documentação, estar em contato com o mundo francês. O mundo

francês é muito sugestivo sempre, é um mundo que é muito vivo, embora minha relação de conversa real com os professores era bastante limitada, mas, eu tive, sobretudo, uns professores..., um especialista em lingüística que ainda é vivo, e outro grande especialista da história do México. Mais isso não tinha nada a ver, nem com a minha faculdade, a faculdade de Teologia, curiosamente, teologia católica e protestante, ao mesmo tempo. Ou seja, a secretaria era única para as duas, faculdade de teologia católica e protestante. E os cursos, nós podíamos ir aos cursos de teologia católica ou protestante. Mas de fato, eu não ia nem para uma e nem para outra. Então, eu fui fazer pesquisa, normalmente, quando não estava nessas pesquisas que falei, na Espanha, na Alemanha, etc., então, eu acordava, tínhamos o café da manhã e bem cedo, aí eu já ia para a biblioteca, a biblioteca de Estrasburgo, que depois de Paris é a única que também é biblioteca nacional. Quando chegava lá estava bem quente, tinha aquela calefação, chegava e tinha que limpar os óculos, porque ao entrar ficava todo..., com aquela névoa. Tirava meu chapéu russo, era preto, muitas vezes era um dos primeiros, quase sempre o primeiro, até meio dia, voltava para a casa e de tarde, às vezes retornava para a biblioteca, mas muitas vezes já ficava em casa para trabalhar. Escrevi a tese em francês. Já tinha feito três anos na França, quando eu escrevi já estava novamente com quase dois anos lá. Escrevi diretamente em Francês, depois a gente deu para corrigir, mas não houve tantas correções e apresentei a tese. No início de 1969 voltei para o Paraguai. A tese demorou muito pouco, dois anos e meio, incluindo a defesa, ou seja, quer dizer que dois meses antes, quase dois meses antes, eu já entreguei a tese e aí fui para a Espanha, me despedir da família e voltei para a França e da França diretamente já fui para o Paraguai.

REHR (Thiago): O senhor foi para o Paraguai por opção própria. Por que razão?

Pe. Melià: Sim, isso já foi a primeira vez. Bom, opção própria, o que quer dizer para um jesuíta uma opção própria? Teoricamente, bom..., teoricamente..., não teoricamente, nós nos comprometemos a obedecer, e obedecer quer dizer em princípio para tudo o que você for enviado e se você não quer ir, então vai embora. Agora, também as coisas não acontecem assim. Normalmente, a pessoa é

encarregada de um trabalho. Você procura planificar um pouco o trabalho a nível mundial, a nível nacional e a nível local. Então, eu fui para o Paraguai porque naquele tempo se sentia muito a necessidade de ter jesuítas que no Paraguai que eram muito poucos e o lugar onde tinham muitos jesuítas era precisamente na Espanha. Quando eu fui noviço, em dois anos, nós éramos em 80 noviços, ou seja, na minha formação quarenta. Desses quarenta, graças a Deus... Bom, agora já morreu muito, mas quase trinta ficaram e alguns largaram a ordem. Agora devemos ser, acho que uns 15, mas porque morreram, não porque foram embora. Os que foram embora foram muito poucos. Então, chegava o provincial e falava com você, era tempo de enviar. Normalmente, enviavam quatro a cada ano, bom... até seis, quatro jovens e dois um pouco mais velhos. Então, a pergunta era: “você gostaria de ir”? Claro! Bom, naquele tempo, eu até sonhava em ir para o Japão. Porque a frustração da minha vida é de não ter sido enviado para a China, porque naquele tempo estava completamente fechado. Agora não, agora já começam a ir bastantes jesuítas para a China. Bom... Então, eu gostaria sim, mas também ele disse: “olha e a sua família”? Bom... “eu que acho que a minha família vai...” Mas isso era em 1954, acho que agora estamos voltando bem para traz. É a minha família vai sentir um pouco neh. Naquele tempo meu pai já estava bem acalmado, já fazia cinco anos que... Bom, isso terá sido em julho mais ou menos e a gente partiu no mês de outubro.

REHR (Cássio): E daí em diante, como foi seu trabalho com os Guarani e qual a importância de Cadogan em seu trabalho?

Pe. Melià: Quando eu voltei, a minha tese havia sido a criação de uma linguagem cristã nas reduções dos Guarani. Num momento dado eu estou fazendo essa espécie de reconstrução regressiva de como terá sido essa mudança, mas não estou sabendo muito bem mudança de que. Bom, das palavras do dicionário do Montoya, isso sim, eu as tinha na mão. Mas que religião realmente, porque as descrições sobre a religião guarani por parte dos jesuítas não são muitas e nos outros autores, nada. Como seria de fato essa religião? Porque ainda muitas vezes você fala, “esses índios”, o próprio jesuíta, “ele não tem religião nenhuma, são umas

fábulas que não dá para entender muito bem o que falam etc...” ou, “tudo é feitiçaria e bebedeiras”. Tinha essa imagem, bom, eu não tinha, jamais! Era o que estava eu coloquei. Eu tinha que construir a tese sempre supondo que existia uma religião, e que essa religião, em princípio, tinha que ser mais ou menos boa, mas não conhecia alguém. Agora, eu conhecia já um pouco da parte etnográfica, conhecia o *Ayvu Rapita*¹, por exemplo, lá na França. E outros escritos, não muito, também não o Nimuendaju, tudo isso. Quando voltei para o Paraguai, eu vinha com a pergunta assim: eu sei que no Paraguai existe ainda os Guarani não cristãos, não católicos, também não católicos. Então eles devem ter, claro, com o tempo que não é o mesmo que faz cinco séculos, mas devem ter ainda uma religião ainda bastante própria com suas manifestações etc.... E eu digo, seria um complemento, a tese já estava terminada. E aí quando eu cheguei ao Paraguai, eu encontrei o senhor Cadogan, com quem já tinha tido alguma correspondência por escrito antes. E o Cadogan era muito amável e me recebeu, porque ele por uma parte, se sentia autodidata. Mas era um autodidata que sabia muito. Ele sempre falava que seu espanhol, a língua castelhana, não era o seu domínio. Sim, mas! Ele falava: “é pois é, eu não conheço muito bem”. Bom, sua língua materna era inglês, fez a escola em alemão, quando era empregado de não sei o que, estudou francês com um francês que estava lá e conhecia de fato as quatro línguas guarani perfeitamente. As cinco, contando o guarani paraguaio. Então ele era uma autodidata desses que podia ser qualquer professor de qualquer universidade. Eu fui para lá e ele estava em uma etapa, não estava frustrado, mas já tinha acontecido..., ele era muito generoso, ele sempre pensava que tinha que se fazer um estudo aprofundado dos Guarani. E ele não conseguia ver, não conseguia ver que no mundo paraguaio tivesse resposta a essa questão. Ele estava também muito aberto aos estrangeiros, ele foi amigo do Métraux e também do Lévi Strauss, mas só por carta, não..., e também de Egon Schaden, que era um pouco grande professor da USP, que não somente era o grande professor do Guarani, ele era o grande professor de toda a faculdade. Então, concretamente, ele sempre solicitava, por exemplo, a Métraux que enviasse alunos que iam fazer o doutorado. Com isso, é que chegaram lá o Clastres, um tal de

¹ CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Asunción: CEADUC: CEPAG, 1992.

Lucien Sebag, que logo se suicidou, não no Paraguai, na França. Bom, Lucian Sebag, depois um argentino Miguel Angel Bartolomé. Bom, para todos eles ele foi um pai, ajudava... Em parte, às vezes, eu tenho uma espécie de raiva contra o Clastres, porque o Clastres aproveitou enormemente de Cadogan e depois ele aparece como o grande pesquisador, quando agente sabe que as partes mais sólidas e mais significativas do Clatres são informações e até plágio do Cadogan e quando ele não faz isso erra. Então, ele se sentia.... Bom, eu acho que esse pessoal faz a tese e vai embora, depois escrevem para festas de natal e aqui acabou tudo. Que é muito próprio de muitos pesquisadores estrangeiros, estrangeiros, quer dizer norte-americanos, que fazem a tese e depois ficam professor lá, alguns voltam de vez em quando, mas não é muito normal, e mesmo voltando de vez em quando, só de vez em quando. Uma visita para ver algum índio amigo e mais nada. E quando eu cheguei, ele fala isso nas suas memórias, o Cadogan, parece que ele diz “esse aí vai ficar, vai ficar com a gente”. Ele realmente foi o meu Sócrates, eu não sou o Platão, mas ele foi o meu Sócrates. Aí ele me orientava e mesmo de modo um pouco assim..., ele falava: “olha Melià você vai para o mato e pergunta essa questão”. Às vezes, ele já sabia a questão que estava perguntando, mas ele queria me provar para ver se eu sabia pesquisar aquela coisa, eventualmente trazia talvez outra resposta, uma resposta complementar e foi isso que aconteceu com ele. Naturalmente, eu li as obras dele, aos poucos, porque eu não tive muito, ele já faleceu em 1973, foram apenas quatro anos que tive com ele, nem completos. Naquele tempo ele já estava bastante doente. Das últimas obras, fui eu o encarregado de edição. Naquele tempo, bem quase imediatamente depois de ter chegado ao Paraguai, me colocaram como presidente do Centro de Estudos Antropológicos. Então, eu era encarregado da revista, mas também fazia esse trabalho para Cadogan que, às vezes, parece sim que era autodidata, ele não era muito prático. Agora também eu não sou prático para as coisas técnicas, mas sempre fui o editor de algumas das obras dele e algumas até foram póstumas. Saíram quando ele tinha falecido, mas ele ainda tinha corrigido. Bom, de forma que foi uma amizade, eu ia habitualmente à casa dele, ele me chamava, às vezes, de modo assim... “é venha, não sei o que, tal”. Às vezes, ele dizia “traga esse índio para

agente ver, fala que o Cadogan precisa dele”. Bom, o índio encantado também, e viajava com ele para cidade e esse índio ficava na casa dele uma semana, ele fazia suas pesquisas e voltava lá para o mato. Então, esse trabalho que realmente muito curto, mas que foi realmente muito produtivo. Para mim, me parece um período relativamente longo para a quantidade de coisa que fizemos naquele tempo, e o muito que eu aprendi. Aprendi dele e aprendi dos índios, dentro de uma outra perspectiva, não tinha nada a ver com a universidade, porque depois de tudo, como antropólogo, eu também sou autodidata, até na lingüística sou autodidata, embora claro, tenho tido sempre amigos linguístas e sempre procurei me assessorar e escutar e pensar que o conselho dele é bom, porque, às vezes, estudantes que querem tão assim... que pensam que o professor ao invés de dar uma resposta para ele, está dando..., levando ele para uma armadilha, não... Eu sempre confiei nessas pessoas, às quais pedia conselho e o Cadogan era assim, eu ajudei ele, é uma honra, mas também ele me ajudou enormemente. E ai quando ele faleceu, ele tem um testamento que é só uma folha. Uma folha onde ele reconhece os dez filhos que ele tem, que parece que de fato só um, dez filhos de três mulheres diferentes e eu que sou o herdeiro de tudo, ou seja, os filhos ficaram sem nada e eu fiquei com tudo. Bom, tudo que era a pequena bibliotequinha, que era um pouco mais do que isso [indica uma estante] e nós chamamos *albacea*, ou seja, o encarregado do defunto que tem os direitos de autor etc.. que pode dispor, que tem que cuidar da herança de uma pessoa. Então, estou nessa condição. Tenho os manuscritos, praticamente tudo já foi publicado. Haveria coisas que a gente poderia rever, mas é um trabalho... e acho que não encontraria muita coisa, e seria um trabalho muito longo. Já foi feita uma catalogação de todos escritos dele, tem uma parte de cartas que não foi publicada, mas que também não tem tanto interesse, alguma talvez.

Intervalo

REHR (Cássio): Estávamos falando do tempo que o senhor voltou a trabalhar no Paraguai.

Pe. Melià: Isso, mas já tínhamos falado do Cadogan. Naquele tempo o Cadogan me

orientou muito, me fazia conhecer, nem tanto pelas coisas que dizia, mas era um verdadeiro mestre que incitava as pesquisas, com aquela história que ele não sabia... que ele pedia que trouxesse aquele amigo índio para cidade, e também com a minha pesquisa lá com os índios. Ele também ficou bastante satisfeito, porque, como digo, ele também tinha tido experiência..., mas não era experiência ruim, bom enfim fazia doutorado e iam de novo para a universidade e não apareciam mais, que foi o caso do casal Clastres. Bom e a gente também preparando a edição de pelo menos três livros dele e depois eu fiz a reedição de coletânea de artigos dele, eu também aprendi muito. Ele faleceu em 73, e eu acompanhei até quase a hora da morte, casualmente eu estava fora naquele momento, mas cada dia eu visitava ele no hospital. Ele tinha problema no pulmão e no fim da vida sofria bastante. Em 69 eu comecei com os Mbyá e naquela comunidade eu fui muito aceito. Quarenta anos depois, agora, eu visitei de novo essa comunidade e aqueles rapazes, mas que estavam já casados, com 18 ou 19 anos, agora são caciques lá da comunidade. Agora o que me deixou..., agora quando eu voltei no ano passado, um antropólogo que me acompanhava, ele perguntou: “o que pensava desse senhor que vinha aí de fora?”. Naquele tempo os Mbyá eram muito herméticos, em geral ainda são para muitas coisas, e o que vocês pensam? Eu fiquei maravilhado, até um pouco constrangido, porque eles me deram uma figura quase do *Pay Sumé*², ou seja, como aquele xamã antigo que aos poucos fala isso, fala aquilo, “que as matas iriam desaparecer, que agente tinha que conservar o mato”. Eu fiquei estarecido, um pouco também... não por vaidade, mas... E coisa rara, é difícil para entrar na casa de reza deles, mas já na primeira semana eles me convidaram a entrar e depois eu já entrei sempre, conheci essa casa de reza e outras porque a partir de lá outras comunidades me convidaram também. Como naquela outra comunidade eles sabiam que eu já tinha entrado na casa de reza, também não tinham problema em me fazer entrar. Bom, isso foi com Mbyá. Depois aos poucos, aquele ano ainda, eu visitei uma comunidade Ava-Guarani, que aqui se chama Ñandeva. A comunidade é mais aberta, o próprio lugar do ritual fica no pátio e também a participação era relativamente mais fácil. Uma coisa interessante é, que eu sempre, em todos esses

² Para mais detalhes ver: CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Tomé: o apóstolo da América. Índios e jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações. Dourados: Editora UFGD, 2009.

anos, sempre dormi na casa dos índios e foi muito bom isso, porque eu pude ver essa vida que começa às quatro da manhã, com chimarrão com aquelas conversinhas, as crianças que começam a acordar, com aquele mundo, aquela fala, que eu não entendia, mas, bom... muitas coisas sim eu entendia. Depois daquele momento eu passeava com eles pelo mato, íamos visitar as armadilhas, quase nunca pegava nada (risos). Aquela visita, o mel, tirar mel, tirar aquele palmito, íamos ao córrego tomar banho, daí aparecia com uma cobra enorme, o outro apareceu com um porquinho do mato... Mas era toda aquela pequena comunidade, eu via fazer o artesanato, a cestaria, que são os jovens que fazem. A partir de lá se pode dizer que também surgiu uma espécie de revitalização desse artesanato, porque eu mostrei para uma senhora alemã, ela ficou entusiasmada e tal..., mas ela..., eu não entrei nesse negócio, mas sabe aquele negócio ético e correto, ela incentivou enormemente. Enviava essa cestaria para a Alemanha, pesava pouco, mas o volume era enorme. Bom, eu passei por esses Ava Guarani, algumas vezes eles contavam o mito dos gêmeos, também aqueles cantos, aquelas danças, visitas aos parentes, mais ou menos perto e às vezes longe, eu chegava lá e ficava maravilhado porque eu ia... eu nunca tive carro, isso é uma grande vantagem. Fazer antropologia com carro eu acho que é uma antropologia ruim. Eu chegava lá, às vezes de caminhão, de carona, já que eu sabia que caminhando eu não podia ter chegado, eram cento e cinquenta quilômetros, às vezes, e tal. Quando chegava lá, saía a mulher: “Ah meu pai viu você, sonhou que você iria chegar!” (risos). Essas coisas que a gente não sabe se acredita... Bom eu acreditava! Bom, e ai, no 71, no fim de 71, passou por lá, já querendo fazer uma pesquisa, o Dr. Grünberg, nós já tínhamos nos conhecido uma vez. Ele disse: “porque você não nos ajudaria”, porque de fato eu conhecia o Guarani bastante melhor do que eles, estou falando eles porque é um casal com filho pequeno. Aí sim que começou uma espécie de antropologia mais metódica, porque eu nunca tinha feito curso de antropologia. Eu era um mero autodidata, ele não, ele era doutor em antropologia pela Universidade de Viena. Ela tinha feito etnolinguística, embora não completou, acho que nem a graduação completou... Mas seja o que for, eram dois acadêmicos, sobretudo ele. Era um trabalho bastante planejado, mas ao mesmo tempo muito ligado à realidade.

Então, aí a gente ficava numa aldeia a outra durante um tempão, bom um tempão... quando mais, dez dias, uma semana, dez dias, quinze dias... E porque isso? Porque a gente não aguentava aquela vida? Nem tanto, não era isso, mas é porque também a presença de pessoas de fora sempre incomoda, nem que seja parente... Nós sabemos que depois de três dias nós já estamos incomodando, porque você entra numa outra família, está dentro da casa deles. A casa deles quer dizer praticamente ao lado da cama do casal e dos filhos, ou seja, era tudo junto. Foi uma experiência sistemática e a gente, sobretudo, estudou a parte religiosa e também fiz transcrições, em parte no gravador, mas a maior parte no caderno, melhor em fichas e aí pegando todas aquelas descrições. Esse senhor que me falava, ele tinha um sentido de síntese e então ele sabia que para o livro que estávamos preparando, um livro de alfabetização, para ele tinha que preencher mais ou menos aquela ficha grande, mais ou menos deste tamanho (aponta um folha tamanho A4). Então, ele na media em que via que aquilo avançava, começava a fechar sempre perfeito. O tema era abordado do princípio ao fim, bem fechadinho, parecia que era feito por um escritor extraordinário. Sobretudo nesse trabalho, tínhamos problemas, eu não estava tão envolvido nesses problemas de terras, saúde e também de agricultura, ou seja, era defesa da terra, cuidado da saúde e também promoção do cultivo do cuidado da roça, que também às vezes estava um pouco descuidado, por falta de ferramenta, por falta de sementes, etc. Mas que eu falei sobre isso faz pouco tempo? Acho que foi agora esses dias, terá sido com aquele outro rapaz que faz uma pesquisa que vem de São Paulo.

REHR (Cássio): De Sorocaba? O Pablo?

Pe. Melià: Não, não é o Pablo, estava hoje lá³ e até ontem também. Bom, esse processo aí, assim como eu escrevi muito pouco sobre os Mbyá. Eu teria que ter escrito mais sobre eles, mas sobre os Mbyá eu praticamente reeditei a obra de Cadogan e sobre os Ava e os Ñandeva, também muito pouco, fiz um pequeno registro dos cantos, dos cantos que acontecem nas festas religiosas, mas não são cantos religiosos, que acontecem um pouco no pátio. Então com os Paĩ Taviterã, ai

³ VIII Encontro de Leitura e Escrita nas Sociedades Indígenas, realizado entre 24 e 28 de maio de 2010, na Universidade Federal da Grande Dourados, em Dourados-MS.

já foi mais sistemático e saiu o livro *Los Pay Taviterã*⁴, com capítulos, não está tão misturado assim, ou seja, têm capítulos que são de G. Grünberg, tem um capítulo que é da mulher e tem capítulos que são da gente. Embora, depois revisávamos, depois fazíamos pequenas correções, quase que cada capítulo é uma pequena monografia pessoal. Para que você saiba também, por que, às vezes, tem gente que pergunta se isso era feito a maneira de um panelão, tudo misturado. Por isso, se nota bastante os diversos estilos na redação de um capítulo a outro. Em suma, aqueles capítulos... Bom, a introdução é etno-histórica, é da gente, que eu escrevi muito depois, bom, não muito, quase dois anos depois, porque eu fui expulso do Paraguai. Daí, cheguei a Roma, em Roma tinha uma excelente biblioteca para essa parte de etno-história, além das notas das lembranças, etc. A parte etno-histórica, foi a última a ser escrita. Bom e ai saiu esse livro e realmente acho que valeu a pena, porque é uma das etnografias sistemáticas mais completas desta época. Tem um pouco de perigo, eu agora estou de acordo de que apresenta uma visão não tanto utópica, mas uma visão, diríamos, que simpatiza muito com um modelo tradicional. Ou seja, parece que o índio vive no mundo muito conforme as próprias leis deles, quando de fato tinha alguma briga, algum índio que deixava a mulher, isso não aparece tanto. Então, é um pouco uma imagem fixa, utópica de simpatia, de muita empatia com os índios. Agora, se a gente ver de perto é uma etnografia real, também não é uma visão assim..., não me sai a palavra... uma visão utópica, vamos dizer, mas não é “ideal”, uma visão “ideal”, e sim, uma visão real daquela realidade daquele tempo. Aliás, uma parte de demografia, de localização das aldeias, que na segunda edição foi atualizada, isso é concreto, e a parte um pouco filosófica, bom eu chamo filosófica..., aquela discussão do *teko*, do *teko porã*, bom, isso pode ser discutível. E o *tekoha*, aparece, sobretudo, ai. Esse *tekoha*..., nós escutávamos continuamente o *tekoha*. Ou seja..., eu não li o Mura, mas parece que o Mura⁵ fala... “ele (Melià) como que inventava esse termo”, não, eu estava na vida real. Aliás, o xamã, os xamãs deles são chamados de *tekoruvicha*, ou seja, o líder do *tekoha*. Ele

⁴ MELIÀ, Bartomeu, GRÜNBERG, Friedl, GRÜNBERG, George. *Pai-Taviterã. Etnografía Guaraní del Paraguay Contemporáneo*. (2ª edición corregida y aumentada) Asunción: CEADUC: CEPAG, 2008.

⁵ MURA, Fábio. *À procura do “bom viver”*: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Tese (doutorado em antropologia social) MN – UFRJ, 2006. 504 p.

(xamã) apresenta que esse *tekoha* é um lugar, mas também é uma espécie de unidade, uma espécie de cidade, quando cidade é o lugar de cidadania. Então o *tekoha* é o lugar onde tem *teko*, onde tem modo de ser, particular e identitário, desse povo. Bom, tudo isso ficou interrompido, com a expulsão, porque eu tive que sair.

REHR (Cássio): O senhor teve que sair por ter se posicionado contra o massacre dos Ache Guayaki?

Pe. Melià: É porque naquele tempo, acho que desde 72, eu fui nomeado secretário executivo do chamado Departamento de Missões da Conferência Episcopal Paraguaia, até então, não tinha uma pastoral, uma dedicação especial aos indígenas. Tinha missionários, os salesianos e os padres oblatos, mas estavam lá..., eles eram... (risos) em modo de dizer, eles tinham o próprio bispo, esse quase que era papa, bispo, era tudo. Mas a Igreja paraguaia não tinha praticamente relação com o indígena e, sobretudo, na parte oriental, ou seja, os Guarani. Então, eu fui nomeado secretário executivo, o presidente era um bispo, um bispo do Chaco, e isso me dava na ocasião, e até o privilégio, eu não vou dizer autoridade, pelo menos representava os bispos nesse ponto. Isso já era uma questão que vinha de longe, o problema chegou aí e Cadogan já tinha denunciado, etc.. Depois, com a pesquisa de um antropólogo essas coisas que já sabiam ficaram mais evidente essa situação dos índios. Esse alemão mesmo, era meio bravo, ele era pequeno, isso não é normal, um alemão pequeno (risos). Aliás, os seus colegas da Alemanha, eu fiquei sabendo que chamavam ele de “o nanico venenoso” (risos). Mas ele não era tão nanico, era quase da minha altura, mas era um pouco nervoso, era casado com uma francesa. Ele também sentiu esse impacto, ele percebeu uma vez, quando ele falou com uma autoridade sobre o problema, percebeu que aquilo não tinha uma via de solução, aí ele passou para o ataque e, sobretudo, sabia que ele teria que ir embora. Eu publicava com ele, de fato ele escreveu, mas assinou a mulher dele e eu uma etno-história. Mas que, há de ser verdade que a grande parte dos dados, dessa etno-história que assinamos a mulher dele e eu. Depois, ele tinha escutado uma série de cantos muito bonitos, mas muito dramáticos ao mesmo tempo, e aí fizemos a tradução juntos desses cantos. Eu não sabia a língua, mas dava para entender

alguma coisa e, sobretudo o espanhol. Eu acho que o espanhol era poético, como o poético real, não era fazer poesia ou denotar poesia, o fato era cantos poéticos. Depois tinha relatos de um italiano de bastante idade, ele também (risos), ele era um cara assim meio raro, aventureiro, que estava presente nas últimas capturas, como ele chama. De fato, foram capturas, dos índios que ainda estavam livres na selva, também uns relatos muito dramáticos com fotografias. Uma edição completamente esgotada. As fotografias, não temos mais, porque depois essas fotografias ninguém sabe com quem ficou. Ele queria vender as fotografias para uma universidade italiana, mas a tal universidade não queria comprar, queria doação, depois ele deixou essas fotografias, não sabemos bem com quem, pelo menos as que estão publicadas estão publicadas. Bom, então essa denúncia chegou à mídia internacional, sobretudo nos Estados Unidos, e aí saiu no *Newsweek*, e, é claro, o ditador Strossner ficou bravíssimo, porque também o Jimmy Carter enviou o aviso para ele dizendo que estranhava que acontecesse isso lá, que poderia haver corte no apoio que os Estados Unidos dava, era um modo de retaliação sobre isso. Até houve um encontro *fraguado* pelo governo do Paraguai, eles não puderam me omitir, com mais ou menos até os missionários, que consideravam amigos deles e outras pessoas do governo para dizer que não existia o tal genocídio. Simplesmente o argumento era que não tinha sido um massacre planejado pelo governo, é claro tal não tinha sido, mas a figura do genocídio não se aplica só quando um massacre é planejado, é quando se produz a extinção de um povo, por omissão de medidas que teriam que ser colocadas. Algum caso de doença de pouco cuidado, ou a ideologia mesmo que estava matando esse povo. Depois disso, já praticamente poucos meses... o Strossner teria dito: “esse dos índios não quero ver mais por aqui”. Era o momento quando houve uma conspiração real contra o Strossner, de uns estudantes. Esses estudantes estavam em parte relacionados com os jesuítas, não comigo. Mas também os jesuítas não estavam sabendo de nada dessa conspiração, isso provocou a expulsão de mais ou menos dez jesuítas. Porque uns foram pegos e levados lá para a Argentina e outros foram não mediante decretos, porque as ditaduras não querem deixar nada no papel. Mas foi com muita pressão, de modo que no fim, o meu superior disse: “o Strossner é unido ao núncio”. O embaixador do

Papa disse que o Strossner falou que esse dos índios também não quer ver, e o melhor é que vá embora. Se olhar, em parte, eu fui também expulso pela Igreja, isto é, não evitou que eu saísse.

REHR (Cássio): Como o senhor veio para o Brasil?

Pe. Melià: Então, para encurtar um pouco esse “troço”, vai ser muito comprido..., eu descí rio abaixo como aqueles antigos missionários expulsos, fui para Corrientes, fiquei uns meses lá, tinha uns compromissos também no Peru, etc.. Aquele ano, em setembro aconteceu o Congresso de Americanistas do centenário, esses congressos dos americanistas são uns dos mais antigos, pelo menos do mundo Ocidental. Em 1976 era ano do Centenário, eu fui convidado a ir para Paris, me apresentei, depois quase não fui mais nos congressos, fui naquele da Suécia, mas não vou mais nesses congressos de três, quatro mil pessoas. Você vai lá, gasta um dinheirão e depois fica o que? Mas os que vão, ainda têm que fazer currículo, aí eles vão. Bom, eu fui para lá e de Paris fui para Roma. Em Roma o que eu fazia? Nada. O que sobra em Roma é padre, de modo que eu nem sequer tinha ocasião de celebrar uma missa para o povo. Os conventos de freiras, cada um já tinha o seu padre. Tinha padre brigando, “quando aquele morrer...” (risos). O que eu fiz em Roma..., tínhamos a biblioteca dos jesuítas da casa do geral, mais uma, a biblioteca histórica, lá era excelente... Escrevi coisas como, bom, terminei *Los Pañ Taviterã*, parte etno-histórica, escrevi aquele livro “O modo de ser Guaraní: segundo a documentação jesuítica”⁶ e outras coisas. Quase todos os dias eu ia também ao arquivo do Vaticano, eu fui o primeiro a rever, fui o primeiro porque naqueles anos se abriu o arquivo para o período 1870, a Guerra do Brasil, da Argentina e do Uruguai contra o Paraguai e também nesse momento se fazia um ano ou dois que agente já podia consultar isso porque em Roma naquele tempo, não sei se agora mudou um pouco, você só pode pesquisar os documentos de cem anos atrás, em outros lugares é cinquenta anos, mas lá..., em partes, é prudente também, não? Porque às vezes você não encontra a pessoa ainda viva, mas são pessoas ainda

⁶ Ver em: MELIÀ, Bartomeu. *El Guaraní conquistado y reducido*. Ensayos de etnohistoria. 4ª Ed. Asunción: CEADUC/CEPAG, 1997.

muito relacionadas e tem muito segredo lá..., aliás, antigamente se chama Arquivo Secreto do Vaticano. E fiz toda essa pesquisa concretamente sobre o tema de o fuzilamento do Bispo Palácios porque o Marechal Lopez era meio louco, ele fez tudo isso contra o bispo acusando-o, e em partes era verdade, de traição por conspiração, mas lá em Roma que faça matar, fuzilar o bispo também provocou uma consternação, muita correspondência do núncio, embaixador do Papa, para ver o que acontecia e as notícias eram muito vagas, mas através do exército brasileiro, tinha dois capelães, sobretudo, que escreviam bastante, sobretudo um deles, que depois virou Bispo de Otranto na Itália, eles enviavam bastante correspondência, é muito interessante esse fato. E outras coisas, recortes de periódicos daquele tempo, de jornal..., pesquisei e fiz um artigo, porque também a documentação no Vaticano é muito lógica, mas sempre tem que encontrar a lógica deles, porque um documento remete a outro e, talvez aqui deve acontecer um problema de terras né, está no Ministério Público, está também no governo, está também na FUNAI e às vezes não o todo está em um lugar e você tem que fazer aquele percurso através de diversas ordens. E aí, em 78, não, 77, ou seja, um ano apenas depois de estar em Roma, eu tinha já um convite antigo para ir como professor visitante na USP, com o professor Egon Schaden e aquelas professoras já todas aposentadas, a Lux Vidal a Tekla Hartmann. As minhas alunas foram aquelas que hoje são as grandes “vacas sagradas” da Antropologia Brasileira, a Dominique Tilkin Gallois, Sylvia Caiuby Novaes, etc.. E aí, comendo uma pizza na rua da Consolação, com colegas, ai: “você não se animaria em vir aqui? Temos uns índios aí para ser contatados, ai tem um jesuíta, um irmão jesuíta está sozinho lá, também para orientar talvez, de fato ele era muito mais antropólogo que eu, de fato. Bom, o fato é que eu topei a parada e voltei para Roma, no mês de novembro, mas com a intenção e já havia falado com os superiores de Roma, do Brasil e do Paraguai, eles concordaram também porque eles não sabiam o que fazer comigo e eu também não sabia o que fazer, interessante, bem interessante. Eu não sei o que teria passado se... capaz de ainda estava lá em Roma escrevendo bobagem, como falava o cozinheiro da casa: “vocês lêem livros que ninguém leu para fazer um livro que ninguém vai ler” [risos]. É interessante na vida como acontece às vezes, comendo uma pizza você, você muda

toda a sua vida. Bom, você ou Deus ou seja o que for, fiquei ainda uns meses e lá no mês de março, na mesma semana passei do arquivo Vaticano a Cuiabá e dois dias depois estava no mato e dois dias depois de estar no mato, já estava nú como os índios lá, pintado e tudo, com aquela vida que era bastante dura, mas muito simpática, aí estávamos em um acampamento, uma pescaria o arroio aquele estava represado, se tirava peixe, peixe, peixe e moqueava peixe, então voltávamos para a aldeia, eu ainda não tinha estado na aldeia. Então começou aquela festa, com aquele ritual que começava às duas horas da manhã e depois ia até quase às dez e depois de tarde das duas horas até as seis, sete horas, ou seja, doze, treze, quatorze horas de ritual por dia, o pessoal não precisava estar todo o tempo, mas eu passava quase todo tempo lá, só me afastava para tomar banho, voltava. Eles me deram enfeites, cocar e lá para o braço e aí fazia o que bem entendia, tinha um pai adotivo e os irmãos do meu pai eram os meus pais também, tinha uma sobrinha que era como minha filha adotiva segundo o sistema deles, e da minha filha, então eu tinha neto e do meu neto tinha bisneto que, aliás era..., o nome dele era Anaurili, muito simpático, rapaz jovem relativamente, naquele tempo já tinha um filho e bom, depois então fiquei lá três anos, com interrupções, às vezes, saía, porque a vida era dura, a vida na pré-história é dura [risos], porque eles acabavam de ser contatados.

REHR (Thiago): Eram os *Enawene Nawe*?

Pe. Melià: *Enawene Nawe* que naquele tempo nós sabíamos que agente tinha que ir com muito cuidado para dar nome a um grupo e não sei como ficou o nome de *Salomã*, porque um dos líderes se autodenominava *Salomã* e nós entendemos que era o nome de todos, mas de fato depois de três quarto horas soubemos que não era *Salomã*, que era *Enawene Nawe*, ou seja, mesmo indo com pré-aviso do que se pode acontecer caímos na *trapa*. Aí foi também outra experiência maravilhosa, porque olha é viver quase praticamente a pré-história, uma sociedade onde não existe porta nas casas, onde dinheiro, nem coisa que se pareça a dinheiro, nem se quer troca propriamente. Aquele sistema de parentes que não entendia, no final não sabia quem era meu irmão, quem era meu cunhado, quem era... e eu algo que mais praticava era a dança, todo dia eu dançava, e quando não acompanhava os acampamentos, ia longe... e eu que nunca tinha sido agricultor plantava mandioca.

Ainda bem que a mandioca você planta tanto direito como revés ela cresce igualmente, não precisa saber [risos] mesmo aprender, é e milho, você fazia um buraco, tínhamos o milho na boca, daí você pegava aquelas três sementes aí jogava e com, o dedo do pé, cobria ele e dava outro passo e outro buraco... Eu fazia isso muito mal porque eu não me dou com essas coisas, mas ele também com muita compreensão, ou seja, eu vivi como índio.

REHR (Thiago): O senhor conseguiu aprender a língua deles?

Pe. Melià: É a língua eu comecei a aprender mais com muito pouco método, depois foram antropólogos, devem ter salvado algo, mas era depois que eu já tinha..., estava em outro lugar, e sim, eles já fizeram estudos da língua, eu não, apenas coisas que..., mas não consegui entrar na gramática, eu repetia coisas que eu sabia, sabia que tinha que se repetir e repetir e... Uma das diversões, sobretudo das mulheres era me tirarem os óculos, eu estava nu, mas com óculos e com chinelo de pé, esse chinelo também passeava por toda a aldeia [risos], quando eu falava os meus chinelos alguém trazia os chinelos não sei de onde, sobretudo as velhas aí pegavam os óculos e “botavam” (mostra que colocavam de cabeça para baixo) e todo mundo dando risada e a velha não sabia o porquê davam risada, mas isso aconteceu muitas vezes, experiências muito engraçadas aconteceram lá, por exemplo, uma vez..., eu nunca levava livro, nem sequer livro, relógio também não. Levava papel, o caderno e aí também um só *bolígrafo*, e eles respeitavam, mas também eles enchiam meu caderno de letras deles, ou seja, faziam uns rabiscos como..., embora eles viam que eu ia ler de cima para baixo e de esquerda para direita eles sempre escreviam debaixo para cima e de direita para esquerda, como chineses e japoneses, essas coisas assim. E uma vez estava, já terceiro ano, levei um livro dos Pareci, que é uma língua muito semelhante a deles, e aí eu comecei a ler, eles sabiam que eu não sabia tanto a língua como para poder dizer aquelas coisas. Aí um deles, o meu genro pegou o livro e escutou, ele pensou que o livro ia falar, uma experiência assim extraordinária que agente lembra aquela historia do Atualpa que não escutou o livro, mas esse pensou que ia escutar o livro [risos].

REHR (Thiago): O senhor chegou a publicar alguma coisa sobre esses...?

Pe. Melià: Sobre os *Enawene Nawe* não, tenho escrito uma coisa, mas nem sei onde está, uma coisa a partir de bibliografia que fala de tribos vizinhas e uma delas fala de que talvez teriam uns vizinhos que desapareceram, mas é um estudo de gabinete a propósito disso, tinha nos meus cadernos, tinha bastante fotografias. Eu estava como o irmão e ele foi assassinado depois, eu já não estava lá, ele foi assassinado, se supõe, pelo fazendeiro e bom, estou escrevendo a vida dele, mas isso não avança porque já faz quase um ano que eu deixei a redação dessa biografia dele, tinha umas oitenta páginas escritas, mas isso não avança.

REHR (Thiago): Como era o nome dele?

Pe. Melià: É Vicente Cañas, era espanhol ele, um homem extraordinário, uma capacidade de... bom, pode se dizer, capacidade de sacrifício, mas eu diria uma capacidade também de adaptação extraordinária, assim como eu quando tenho fome, tenho fome, ele era capaz de passar dias sem comer, aliás estava bastante magro, mas ele era..., porque ele de fato era cozinheiro, irmão jesuíta e os irmãos, geralmente estão para tarefas, sobretudo tarefas complementares, mas ele era cozinheiro, ele era mecânico, ele era motorista, ele era enfermeiro, ele era..., tudo que tocava ele sabia fazer. A língua falava muito mal, mas os índios entendiam ele perfeitamente, davam risada, eu não sei, parece que até os índios imitavam a fala dele. E o extremo foi que ele aprendeu a fazer dente, dente artificial, como chama, é dentadura é? E aí, ele mesmo, ele mesmo, na frente do espelho, ele tirava os seus próprios dentes, ele botava anestésico e tirava o dente com a..., depois ele mesmo fez a sua dentadura [risos], também fazia a dentadura pra índio, imagina só?! São coisas inacreditáveis.

REHR (Cássio): E com os outros povos indígenas que estive no Brasil? Poderia falar um pouco?

Pe. Melià: Bom, nesse lugar onde eu estava no Brasil era chamada missão Anchieta, é uma missão que começou lá pelos anos, não estou certo, 22 ou 27. O Lévi-Strauss passou por lá, quando a missão já estava encaminhada fazia anos e foi

uma missão também com muito problema, com muito fracasso. Naquele tempo, tinha passado por lá e tinha estabelecido a linha telegráfica o Marechal Rondon, imagina de que época estou falando..., e a primeira missão se colocou sobre a linha, num lugar chamado Mangabal, mas depois eles passaram para um lugar lá... que quer dizer a casa do xamã em língua *Pareci*. Lá, da beira mesmo do rio Papagaio, é um rio limpo, extraordinário, cristalino e perto de uma caída d'água de oitenta metros. Bem aí foi fundada como o centro da missão. E nesse centro da missão, naquele tempo, sempre se pensava que o índio tinha que virar brasileiro e o intento era fazer o índio um bom brasileiro, até um brasileiro mais capacitado do que um caboclo normal, que estava a bordo, essa era a idéia que se tinha naquele tempo. Essa missão começou com os *Pareci* e os *Pareci* meio que se afastaram da missão, os *Nambikwara* nunca deram bola para missão, apareciam, mas voltavam e desapareciam de novo. Mas, aos poucos, na missão foram incorporados os *Iranxe* um povo também..., é historia um pouco complicada, que lá pelos anos 45 aí esse grupo foi atraído para missão, através de um padre austríaco. Depois mais tarde, nos anos 55 os *Rikbaktsa*, são aqueles que usam aquele prato na orelha enorme, com uma arte plumária extraordinária, muito bela, muito perfeita, mas que são guerreiros e tinham feito muito..., tinham provocado muitas mortes entre os seringueiros e alguns negros que entrevam naquela região e também seringueiros tinham matado bastantes desses índios, era um ambiente de guerra. O mesmo padre pacificou, vamos dizer, com esses são muito simpáticos e aí eu, depois, morei muito tempo. Porque acontece que aos três anos de estar lá eu fui para desgraça, fui nomeado superior da missão e aí já não podia ficar, praticamente, com os *Enawene Nawe* porque tinha que atender todos esses povos e aí, quais eram? Eram *Nambikwara*, embora eles ficavam bastante na periferia da missão, só apareciam em tempo de manga, aí eles passavam o dia comendo manga, faziam sopa de manga, chupavam manga, meio brincadeira, mas não entendemos como eles não ficaram ainda amarelos [risos], porque era só manga. Os *Nambikwara*, os *Iranxe*, começamos um pouco pela história..., os *Pareci*, *Nambikwara*, *Iranxe*, *Rikbaktsa*, ah não..., antes dos *Rikbaktsa*, os *Kaiabi*, *Apiaká*, mas os *Apiaká* já eram muito poucos,

Kaiabi, Apiaká, Rikbaktsa, Mehinako, que agora o Wilmar me deu uma gramática⁷ da Monserrat, da Ruth Monserrat, a primeira gramática dessa língua, e os *Enawene Nawe*, de fato era muito bom. Eu ia pulando de um lugar para o outro com problemáticas completamente diferentes, alguns deles como os índios pensam que o governo pode tudo, então era problema de fome, problema de terra, problema de pessoal que saía trabalhar fora e não recebia salário, mas em parte também eles tinham ido lá de um modo também muito por sua cabeça e não se podia fazer muito então, tão complicado de uma missão, os fazendeiros começavam entrar, etc, etc.. Os barcos da missão eram outro capítulo, sempre estragava o barco, sempre estragava..., o carro da missão outro problema, os índios da missão que iam pra cidade, às vezes, para doença, para mais, depois ficavam lá, a família... e não voltava, todo esse mundo. Eu não lidei muito com a FUNAI porque tinha outros padres brasileiros que..., mas também o mundo da FUNAI..., tudo isso misturado, o problema de algum jesuíta que deixava de ser jesuíta porque namorou e aí foi embora [risos]. É então, toda essa problemática, a casa de Cuiabá, essa casa de trânsito, era um desastre essa casa, porque aparecia índio e às vezes você não sabia, e ficavam três meses lá, dava mais trabalho essa casa de trânsito que toda a missão inteira [risos]. Então toda essa pequena problemática, o relacionamento com o bispo, o bispo era muito compreensivo naquele tempo, era um gaúcho, é então, o monsenhor Friedrich, qual é o nome dele?... depois, elegeu-se outro bispo... houve toda uma série..., eu estava no mato e recebi aquelas cartas do Vaticano, né..., que botava aí sob secreto pontifício, imagina só, que só eu podia abrir, dentro daquele envelope tinha outro envelope e depois tinha outro envelope, porque pedia informações sobre colegas para ver se eles poderiam ser bispos né, e bom, eu tinha que dar minha opinião sobre padres que também não conhecia, era mais fácil, então se tinha que dar a resposta mas não poderia ficar com cópias de suas próprias respostas, é, foi um mecanismo que não está todo em segredo, mas para digamos..., para respeitar que as coisas não comecem a se difundir, mas era secreto e pontifício e eu recebi dessas cartas cinco ou seis, porque parece que o padre tal era recusado. Eu digo, acho que é a única vez que estive perto de ser bispo, porque

⁷ MONSERRAT, Ruth Maria Fonini . *A língua do povo Myky*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2010.

botava cada candidato a bispo... que eu dizia meu Deus [risos], não quer dizer que eu era melhor, mas pelo menos, não sei se tinha um pouco mais estudo, bom, é brincadeira... Bom, depois eu fiquei doente, aí fui transferido, depois de cinco anos eu fui transferido para o Rio Grande do Sul para a coordenação da pastoral indígena, das quatro dioceses do Alto Uruguai. E aí também eu de ônibus ia passeando, Nonoai, Votoro, Ligeiro, este Água Branca, Cacique Doble, os que eu mais visitava eram Ligeiro, Cacique Doble e Guarita, claro, Guarita eu estava ao lado de Guarita. Aquela Inhacora, Inhacora eu visitava menos, porque embora não era longe, mas não sei por quê. Também fazia um pouco de trabalho com os padres da região, em vista daqueles, mesmo que não trabalhassem com índio, tivesse uma espécie de respeito, atender a um deles, os índios eram católicos os *Kaingang* e tínhamos uma reunião anual, eu estava em bastante contato com o bispo de Frederico Westphalen, que era o meu bispo, bom, também era outro tipo de trabalho e me chamaram em Ijuí para dar aulas e Santo Ângelo e depois a UNISINOS, o que fez que parte também do meu trabalho “missionário”, é um pouco de menos dedicação, que também não foi nunca a minha especialidade esse trabalho “missionário”.

REHR (Thiago): Como foi o contato do senhor com os *Kaingang*?

Pe. Melià: Não foi bom, ou seja, não foi bom no sentido de que em respeito aos *Guarani* era muito diferente. Tendei aprender a língua, mas quando a coisa estava avançando alguma espécie de guerra civil entre eles, cinco mortos, sete, era uma confusão, então se interrompeu meu estudo. Eu continuei indo para lá *Kaingang*, mas com *Guarani* eu posso dizer que uma espécie de amizade eu estou vendo agora..., estou até muito gratificado de ver, eu tenho amigos, eles se lembram..., eu não me lembro às vezes deles, alunos que eu estive a seis, sete anos no *Ára Verá*⁸ e ele veio me cumprimentar e..., bom, *Kaingang* não, era mais..., embora lá também tinha famílias, as famílias católicas está muito mais..., algumas delas eram mestiças e eu ia celebrar a missa lá nos *Kaingang* de Guarita e no Ligeiro também, eles tinham uma capela lá no Ligeiro e Cacique Doble menos, poucas vezes, mas porque

⁸ Curso normal de nível médio destinado a formar professor Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul.

a maioria deles já era da Assembléia de Deus e também o chefe, era outro problema, o chefe de posto, alguns muito simpáticos, mas também me barravam, bloqueavam toda a minha comunicação fora, assim como outros não, outros me deixavam, mas alguns deles, sim pareciam que me recebiam muito bem mas, né..., convidava para almoçar, convidava sentar, ou seja, por outra parte também não me convidava a permanecer lá, então, o próprio cacique amarra, mas também, isso acontecia, por exemplo em Cacique Doble e aí eu com *Kaingang* não consegui trabalhar muito. Alguns eram bastante amigos, agente falava, mas não foi um trabalho..., foi um trabalho mais com a sociedade, para que respeitassem e também para que a própria Igreja dessas quatro dioceses, os padres, tivessem uma nova visão. Escrevi um folheto também, sobre a situação dos *Kaingang* e *Guarani*. Um pouquinho de história, de antropologia, isso foi difundido, enfim, coisas assim.

REHR (Cássio): Depois de tanto tempo no Brasil porque retornar para o Paraguai?

Pe. Melià: Ah, porque caiu Stroessner, o dia que caiu Stroessner eu estava no Paraguai, não; não é isso. No dia em que caiu Stroessner eu estava em São Paulo, indo para o Paraguai, porque tinha estado expulso do Paraguai. Já no 1986, me convidaram, de uma maneira bastante formal, a embaixada dos Estados Unidos, da Alemanha, da Espanha, e a Universidade Católica a dar palestra. Você se anima? Eu digo “eu me animo”, vamos ver o que acontece e o governo sempre falando..., e era assim, desculpe a propaganda, mas era palestra que enchia o salão, porque era uma novidade, quase todo dia saía no jornal o resumo da palestra do dia passado e a palestra do dia seguinte, e, bom, essas palestra eram durante quase dez dias, aí precisamente no centro cultural paraguaio-americano, no centro espanhol, na Universidade Católica. Os alemães, não sei se cheguei a dar, mas eles também patrocinavam não sei o que lá. É, bom, eu estive um tempo, e depois em 1988 também... Aconteceu outra coisa, bom, eu passei só por lá e vim para o Brasil, em 88. E quando estava no Brasil, precisamente nesta região de Dourados, aí me avisaram que meu pai estava muito doente, que estava morrendo, aí eu fui, digo, então eu vou para o Paraguai, pego o avião e já vou para lá, é o que aconteceu. Mas, como eles tinham pegado o avião de Assunção para a Espanha, a minha

passagem concluía de novo em Assunção, mas na volta eu fiquei em São Paulo, bom de fato, fiquei em São Paulo para ir a Chapecó, tive uma reunião lá em Chapecó e etc., sempre estava envolvido nessa pastoral indígena, e aí voltei de noite do terminal já para o aeroporto às seis horas da manhã, naquele executivo que faz de terminal ao aeroporto, eram só dois passageiros e a rádio tinha uma musiquinha e de repente a rádio dizia: “o Stroessner no Paraguai caiu”. Essa notícia, e fiquei..., mas estava indo para o aeroporto, já tinha marcado, porque tinha marcado essa data?, porque era a festa de São Brás, que é o patrono do Paraguai, então, digo vou lá..., é, bom, e a viagem era a Ibéria. Esse avião vinha da Espanha e da escala de São Paulo, aí desceram os primeiros, aqueles da primeira classe, e era uma quantidade de pessoal do governo, não sabiam nada, aí em São Paulo eles ficaram sabendo que o Stroessner caiu, olha foi lástima de agente não ter filmado àquela..., porque um deles, por exemplo, porque um deles era o..., o primeiro responsável dos telefones, outro era militar, outro era o sogro do..., não, o genro do Stroessner, casado com a filha..., bom, casado não tanto porque a filha tinha se separado do marido e, então, eram todos personagens daí, que eu “mal que mal” de alguns deles me lembrava ainda, e caiu a notícia. No momento dado, não se sabia se o avião ia continuar, aliás, a Varig suspendeu os vôos e nesse dia só a Ibéria chegou lá com duas horas de atraso, mas chegamos lá, e me lembro que no vôo aqueles avisos do comandante, ninguém escuta nada quando se viaja de avião, mas aquele dia todo mundo querendo saber o que acontece, ah, temos, temos falado com a embaixada da Espanha, porque de fato avião é território do país do avião, ou seja, é a Espanha que está voando até lá, mas também tem que ser aceito, mas em princípio o governo do Paraguai não podia atacar o avião, no mais poderia ter pedido que voltasse, temos licença pra ir e tal, não tem problema discretamente falou que..., e foi de fato o único avião que aterrissou aquele dia, e não sei no dia seguinte também ainda não estava normalizada a situação. Bom, cheguei lá... e ainda fiquei um ano no Brasil depois, porque tinha que arrumar..., tinha aulas na UNISINOS, eu não sei se ainda..., mas só que também..., em Santo Ângelo, tinha em Santo Ângelo, claro, sim, já tínhamos começado outro projeto Guarani e Jesuítas em tempo das missões, então, bom, arrumei as coisas e ia voltava, mas depois de

um ano já voltei definitivamente e comecei o trabalho de novo.

REHR (Cássio): Em Santo Ângelo o senhor ajudou a idealizar o Centro de Cultura Missioneira. Qual a importância desse projeto para as pesquisas sobre as missões jesuíticas no Brasil?

Pe. Melià: Bom, isso de fato quase foi idealizado por eles, ou seja, o Sr. Mitre, que era um fazendeiro, que não entendia muito, mas foi um excelente reitor, para mim, pelo menos, porque ele disse: “olha, se eu quero um bom produto, tenho que fazer investimento”. Que investimento? É procurar doutores, naquele tempo em toda a Universidade eu fui o primeiro quase, o primeiro doutor lá, ou dois três, não sei, porque a faculdade de direito não tinha. O que mais tinha lá era mestre. Lá em Brasília eles estavam em um processo de, como chama isso?, de reconhecimento por parte do MEC da universidade, então sempre falavam para ele: “se você quer fazer algo tem que ter quatro doutores, tem que ter pesquisa, tem que ter... [riso]”. Eles escutaram que eu estava lá em Miraguai e vieram me procurar, a Mara, Mara Rösler, com aquele, o Valmir Muraro, que é professor em Florianópolis, acho que é chefe do departamento de História ou coisa assim, e o Marcos Saul. Marcos Saul, ele é, ele sempre foi bom professor, mas de fato não escreveu muito, mas era muito amigo, então na pesquisa eu estava só nesta pesquisa e há muito tempo falamos em fazer um acervo de materiais sobre as missões jesuíticas e um pouco antropologia geral. Eu passei quantidades de documentos, bom as fotocópias, do que eu tinha. Me lembro uma viagem que fizemos para São Paulo, o Sr. Mitre nos deu bastante dinheiro para uma obra mais cara, por exemplo, a História do Padre Leite, aí tivemos que telefonar e ele: “não, não... compra, quanto que é? Não, não... compra [risos]...”, é bom, trouxemos uma boa quantidade de livros modernos, antigos, e com isso se começou aquele acervo que agora..., esse acervo está na margem da biblioteca não?, mas ainda bem que está na margem, porque parece que queriam misturar..., e tem livro até raro, raro no sentido não muito antigo, que é difícil repor se perde..., bom..., e então, eu ia regularmente cada mês, nunca dei aula propriamente, não sei se cheguei a dar... pequenos seminários. O Sr. Mitre, a Mara, bom... e depois a Nadir já estava naquele tempo, uma tal Valdirene, que depois

casou com um argentino, e está lá e Foz e esse era o pessoal daquele tempo. Mas muitos deles bem..., a Valdirene, muito novinha ainda, e a Nadir que estava lá, mas também, era simples secretária, o mestrado fez muito depois, muito, muito bem.

REHR (Cássio): O senhor é considerado herdeiro intelectual de Leon Cadogan, os seus próprios trabalhos influenciaram diversos pesquisadores que se dedicam ao mundo Guarani, quem são seus herdeiros intelectuais?

Pe. Melià: Os meus? Nenhum, nenhum, eu queria ter, que todo mundo gostaria de ter, mas realmente é uma preocupação, é eu cheguei a formar uma biblioteca de sete mil e quinhentos volumes de livros, mais quinhentos documentos xerocados, ou separatas e mais a biblioteca de Cadogan, e mais a biblioteca Guasch de guarani, tudo isso está comigo e não tenho com quem..., estou, estou começando a me preocupar, porque tinha um jesuíta ai, que estava formando e que, aliás, estava se mostrando um excelente historiador, um bom dia namorou e pronto, né... Mas primeiro namorou com uma, deixou ela, e depois namorou com outra, mais rica [risos], então quem eu sempre pensei que essa pessoa havia de ser um excelente historiador, ia continuar... e agora não tenho ninguém pessoalmente, e entre os meus alunos, ah, os melhores são vocês. Lá na UNISINOS tive alguns, muito bem mais, são muito amigos, parece que eles me querem bem e eu também quero muito bem. A Eliane, a Bohn Martins ou Martins Bohn, a Maria Cristina, tenho outros amigos assim..., mas em termos de, digamos, herdeiro não. Agora, às vezes, também, não quero ser..., bom isso não é um problema de otimismo ou pessimismo, às vezes agente fica maravilhada, porque eu penso sempre que agente escreve e isso fica perdido, mas de repente, hoje mesmo a Maria, Maria..., essa de Minas Gerais... Bom, ela fala de um artigo que nem sei o que eu falo nesse artigo, que ela está recomendado sempre para os seus alunos, um artigo que faz quinze anos, não..., é porque ela acha que, ainda foi o melhor que ela conhece sobre... Então acontece muitas vezes, e sei que de fato, o famoso *tekoha*, que foram vocês que me fizeram descobrir, que de fato agente foi como que..., não o criador do termo, porque é dos índios, mas quem colocou isso um pouco como referencial importante, porque

—
você vê os índios continuamente falando em *tekoha*. Hoje mesmo, lá no Hip Hop⁹, aparece o *tekoha*, quer dizer que está no cerne da cultura Guarani e isso não é invenção da gente, mas é um pouco ter colocado essa categoria como sendo importante, antes não aparecia tanto. Eu pensei que era a doutora Susnik quem colocou o *tekoha*, mas a professora Graciela disse: “não”, parece que meu artigo é anterior à Susnik, então não sei mais. Mas de fato, eu já escutei o *tekoha* nos anos setenta, setenta e um, sobretudo, com os *Paĩ Taviterã*¹⁰ e aí eu escutei, isso não é invento, embora depois o artigo foi publicado muito depois, o conceito, e claro depois a gente complementa porque é bom, a gente procura referências no dicionário, o índio não te faz referência ao dicionário de 1639, mas o conceito está lá e você vê que é analogamente o mesmo, e dizer o, parece que o Mura fala que eu idealizo que tiro esse conceito fora da história, não!, é muito histórico porque está colocado, está colocado como história de um povo *Paĩ Taviterã* atual.

REHR (Cássio): Os Guarani são um dos povos, e foram e continuam sendo um dos maiores objetos de pesquisa. Como o senhor avalia essa produção?

Pe. Melià: Bom de fato sim, o Guarani de papel, como fala a Maria Cristina dos Santos¹¹, esse é..., basta ver nas duas bibliografias¹² que agente publicou e o que teria que incluir agora, seis, sete anos depois, porque eu acho que o Guarani é efetivamente um povo moderno, que responde a anseios, a uma espécie de utopia implícita das nossas sociedades. Quando leio sobre a mudança climática ou também

⁹ Ele se refere à apresentação realizada durante o VIII Encontro de Leitura e Escrita nas Sociedades Indígenas pelos *Brô Mc's*, grupo de rap composto por jovens indígenas da Reserva Indígena de Dourados – MS.

¹⁰ Os *Paĩ Taviterã* no Brasil se autodenominam *Kaiowa*. Para mais informações ver a obra: MELIÀ, Bartomeu, GRÜNBERG, Friedl, GRÜNBERG, George. *Pai-Taviterã. Etnografía Guarani del Paraguay Contemporáneo*. (2ª edición corregida y aumentada) Asunción: CEADUC: CEPAG, (1976) 2008.

¹¹ Entre outras publicações da autora, ver: SANTOS, M. Cristina. *El Guarani de Papel*. Acción, Assunção, v. 177, p. 32 - 34, 01 set. 1997.

SANTOS, M. Cristina. Territórios e Fronteiras do Gurani de papel à construção de um campo de saber sobre os indígenas. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; (Coord. Geral). GOLIN, Tau; SANTOS, M. Cristina; KERN, Arno.. (Org.). *Povos Indígenas. História Geral do Rio Grande do Sul*, Vol 5.. 1 ed. Passo Fundo: Méritos, 2009, v. 5, p. 291-298.

SANTOS, M. Cristina. Uma tradução do Guarani de Papel: Clastres e Susnik. In: GADELHA, Regina Maria D'Aquino Fonseca. (Org.). *Missões Guarani: Impacto na Sociedade Contemporânea*. 1 ed. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 1999, v. 1, p. 205-219.

¹² MELIÀ, Bartomeu. *Guaranies y jesuítas em tiempo de las Misiones*. Uma bibliografía didáctica. Santo Angelo: Asunción: URI: CEPAG, 1995.

MELIÀ, Bartomeu; SAUL, Marcos V. de A.; MURARO, Valmir F.. *O Guarani. Uma bibliografía etnológica*. Santo Ângelo: FUNDAMES: Centro de Cultura Missioneira, 1987.

projetos da necessária moderação, o fracasso do capitalismo, o mundo sustentável, etc., você facilmente pode fazer analogias com esse mundo Guarani, por isso que esse Guarani aparece como muito perto de nós. Os Xavante pode ter coisas até mais fortes..., mas não sei se você pode propor a energia Xavante como modelo, pode fazer, mas não sei qual é a resposta da nossa sociedade. Se colocar nossa sociedade perante certas, determinadas categorias do Guarani, a nossa sociedade se sente desafiada e acha que é um modelo, é um modelo que agente pode seguir, porque é essa procurada terra mal. Bom, a nossa sociedade cristã, e judaico cristã, procura o paraíso, paraíso céu, aí esse *Yvy Araguayje* que é o paraíso na terra, de certo modo, então vem como resposta a um anseio, até complemento que não contradiz o paraíso da bíblia, porque o paraíso da bíblia é uma idealização que não é bíblica muitas vezes. Sem muita dificuldade você estabelece paralelos que também são perigosos, porque aí facilmente você interpreta o Guarani como cristãos, antes da letra, mas, por outra parte tem esse conceito, o *tekoha* é porque aí você não fala da terra, nós mesmos, é o proprietário da terra, a pessoa rica que é o proprietário de... do *tekoha* é exatamente também, é um lugar, mas é um espaço cultural, é o lugar onde tem o modo de ser próprio e por isso aquela frase *Sem tekoha não tem teko*, mas também sem *teko* não tem *tekoha*, então essas coisas. Até pessoas que estão alheias à antropologia sentem uma ressonância interior para muitos desses conceitos, alma palavra, uma psicologia, mais que alma nós temos palavras, nós somos a história das nossas próprias palavras, mas essas palavras também não são nossas, elas fazem parte de uma inspiração, que mais ou menos crê na inspiração e nós atribuímos mesmo, acho que os ateus atribuem a inspiração ou a uma força ou não sei o que, que depois de tudo parece que tem que acreditar que essa inspiração que foi essa palavra vem daqueles que estão acima de nós. Os próprios deuses dos Guarani, não são aqueles deuses de um *Panteon*, como tem aliás outros povos da América, porque qual é o deus todo? É o nosso grande avô, é o nosso grande pai, o nosso pai simplesmente, a nossa mãe, esse é o deus do Guarani, a referência, depois claro tem o *Tupã* que é o deus do trovão, mas que deus, são como espíritos, referências que são difíceis de explicar e também, melhor não explicar, porque quando você explica, aí reduz esses conceitos à nossa

categoria, ou seja, você rebaixa muitas dessas coisas. Mas, a mesma palavra *Tupã*, que não é propriamente o grande deus dos Guarani, mas os missionários acharam que respondia perfeitamente ao deus cristão, porque também Deus, que não é palavra bíblica, é, é aquele famoso idioma..., é o Júpiter tonante, tonante quer dizer, do trovão, [riso] então não sei se nós temos, não chamamos com os nomes da bíblia, nós chamamos Deus com o nome grego, que por sua vez remete também ao deus do trovão. Agente percebe uma espécie de teologia muito superficial. Superficial não quer dizer que seja errada é só uma explicação superficial, mas pode ser aprofundada.

REHR (Cássio): Depois de tantos anos dedicados à pesquisa o senhor não pensa em se aposentar?

Pe. Melià: Não, bom, a minha aposentadoria será quando eu começar a falar mais besteira [risos] né..., ou poderia ser também a velhice, a velhice, às vezes, chega devagar e, às vezes, chega muito rapidamente. Eu estou morando no Paraguai na casa dos velhos, dos jovens, temos jovens não muito velhos. Há cada cinco ou seis meses temos alguém que morre na nossa casa. Na nossa casa morreu um que tinha oitenta e seis e agora tem outro que está com oitenta e oito que faz um tempinho que não vejo porque agente só vê se vai visitar ele..., mas tudo bem. Em casa temos enfermeiro também. Outro que está mais ou menos com boa saúde, mas também, às vezes, pensa cada coisa e..., é que também deve estar com oitenta e quatro, outro mais jovem, mas que não caminha, praticamente, mas ele tenta caminhar ainda e leva..., ele resiste a entrar na cadeira de rodas, então isso faz com que você tenha uma experiência da fragilidade da vida, que para mim não é deprimente, mas também sou realista, e como vai se apresentar para agente, não sei.

REHR (Cássio): Bialmente, desde 1982, acontecem as *Jornadas Internacionais Sobre as Missões Jesuíticas*, e em 2010 a UFGD irá sediar a 13ª edição.¹³ O senhor é um dos idealizadores e presença marcante em todas as jornadas. Como o senhor avalia o papel desse fórum no desenvolvimento das pesquisas sobre as missões

¹³ A XIII *Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas* foi realizada na Universidade Federal da Grande Dourados, em Dourados – MS, entre 30 de agosto e 03 de setembro de 2010.

jesuíticas e sobre os povos envolvidos de um modo geral?

Pe. Melià: Isso nasceu..., não estou bem lembrado, lá pelos anos oitenta e dois com o Simpósio de Santa Rosa, que era nos anos ímpares, a cada dois anos. Isso começou quando o professor Ernelo Schallenberger era simplesmente um professor, não era mestre, não era nada e muito jovem, um pouco apoiado pelo padre Rabuske que agora soube que faz um mês, ele faleceu, Arthur Rabuske. Então, começava aquelas chamadas e agente participou quase desde o início em quase todas, eu não sei na primeira, eu penso que não, a partir da segunda. Depois de um momento dado aquilo em Santa Rosa, como que, precisava de mais espaço, um espaço mais internacional etc.. Porque o de Santa Rosa era chamado Seminário Nacional e aí o professor Maeder, que começou a estar lá, e aí apareceu o Arno Kern, aí se criaram, não sei, bom..., a partir, deve fazer agora uns vinte anos, porque estamos nas número nove, não? [Cássio: décima terceira] ah, dez, dez já fazem vinte anos. Por esse sentido regularmente só houve uma pequena quebra lá no Uruguai que demorou um ano. Bom, então com Maeder, sobretudo, ele foi o grande animador, Arno Kern também, não é, e um uruguaio, que de fato depois ficou meio de lado, e uma paraguaia que também ficou bastante de lado. De forma que daquele grupo que era a comissão permanente ficamos o Arno Kern, o professor Maeder e eu, para dizer a verdade. Eu não sei os meus colegas, esse uruguaio, aquela paraguaia, se eles me escutam..., bom, eles fizeram seu trabalho, mas de fato, depois, por diversos motivos nem sequer conseguiram participar regularmente. Bom, eu acho que as últimas, lá em Buenos Aires, foi uma virada na organização e também inicialmente as jornadas eram ainda umas jornadas muito jesuíticas, no sentido de simpatizantes dos jesuítas, e bom, de um mundo acadêmico, mais de pessoal de uma relativa idade. As últimas..., aí mudou bastante, porque essa de Buenos Aires foram pessoas novas que também queriam fazer uma espécie de revolução, bom, e aí houve uma troca para bem ou para mal não..., foi bom, foi bom, mas agora está cada vez mais se estendendo a problemática, mas eu acho..., bom, eu acho que é muito bom, porque o fenômeno missão é um conceito muito criativo, é uma forma de colônia especial, é porque missão é colonização, vocês sabem, mas é uma colônia muito especial, uma colônia em princípio ética, o que não é geralmente

a colônia como tal, embora muita missão tem sido também desrespeitosa, não respeitou os povos, mas não é falta de respeito, digamos consciente, é uma falta de respeito pela limitação dos conceitos. Não quero dizer também que não tinha tido intenções espúrias. É um fenômeno que tem de ser aprofundado e tem que ser comparado com outras..., outras dimensões e tal que venham pessoas de fora. O mundo guaraníco ou jesuítico é uma experiência muito interessante, então desde arquitetura, a plástica, a língua, bom, e como tem especialista de um pouco de tudo tem bastante documentação inédita ainda, é e tem coisas para serem mais analisadas, mas também a documentação primordial, a documentação de base, ainda não foi estudada. Agora também tem o perigo de ter chegado aqui com abordagens muito preconceituosas, no sentido de pensar que na linha do Lacan ou de Foucault ou de não sei quem, é o poder... e um pouco..., acho que tiraram um pouco as coisas fora do seu lugar.

REHR (Cássio): Desde 2010, o senhor está atuando como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, e por isso tem vindo muitas vezes a Dourados, quais as suas impressões sobre esse trabalho?

Pe. Melià: Achei muito importante, eu fiquei muito..., muito satisfeito pela acolhida que teve o primeiro seminário e agora vejam que a minha vinda aqui tem sido para congressos e como recheio essas consultas com vocês, pessoas que fazem quase como orientação de doutorado e essa orientação para mim é muito..., eu aprendo nessas orientações, porque vocês têm mais perguntas, algumas delas eu já me tinha feito a pergunta, mas também não tinha estudado e aí vejam que alguém vai estudar esta questão e vai abordar novos dados e agente pode dar as referências e vocês podem pesquisar esse ou aquele. Esse rapaz que estava ontem lá, ele precisamente vai estudar os *Aty*¹⁴. Hoje eu falei daquele primeiro *Aty*, daquela primeira assembléia dos Guarani de 1630, um documento que ele não conhecia, é uma satisfação para mim dar uma, poder dar uma orientação nesse sentido, ele vai pesquisar e acho que, se não tivesse sido esse encontro, talvez ele não teria descoberto esse..., tanto que ele agora, ele sente que essa assembléia de 1639,

¹⁴ *Aty Guasu*: grande assembléia das lideranças Guarani e Kaiowa.

digito 1630, provavelmente vai ser como núcleo da sua pesquisa, é o texto, temos o texto em guarani, temos a tradução em espanhol, o que isso significou naquele tempo, uma situação muito semelhante a atual, era índio praticamente escravizado, por isso padre Montoya fala da “erva do diabo”, porque essa erva era, era uma fonte de injustiça, de sofrimento, de maus tratos etc., então essa erva era do diabo, ou a erva infernal, ele chama também. Bom, então isso faz com que cada um de vocês que pesquisam isso, alguém, como é o nome daquele que vai fazer uma espécie de comparação entre a legislação brasileira e a legislação paraguaia? Aliás, eu trouxe o livrão aí, eu deixei com a Graciela, nos temos agora uma coletânea de todas as leis, desde 1811 a 2003 que foi feito precisamente pela Corte Suprema¹⁵. Esse *Digesto* de leis e documentos, etc., é outro campo. Eu sinto um pouco que no Paraguai o nosso esquema e as possibilidades de estudo são muito menores, não têm..., vocês praticamente podem dedicar o dia inteiro a isso, não sei se algum de vocês também é professor em algum colégio, mas isso não ocupa um dia inteiro. Lá não, lá vão para..., o mestrado..., às vezes, fazem o mestrado entre sexta e sábado, e sexta que geralmente tem festinha e sábado você quer dormir, então... o que é esse mestrado? Eu gostaria de ter no Paraguai, alias, nós não temos um só curso de Antropologia nas Universidades do Paraguai, História está..., não sei se tem dez ou quinze alunos, somente, somente na Universidade Nacional, porque na Católica não sei se agora retomaram, às vezes, tem, às vezes, não tem ninguém, aí depois fecha, aí depois ressuscita e aí não temos historiadores no Paraguai. E para mim é até um..., porque também me sinto paraguaio, eu sei que não sou paraguaio, mas me sinto muito paraguaio, sinto que o Paraguai não tem essas possibilidades, essa vontade. Em parte possibilidade, em parte vontade! Antropologia e história do Paraguai se está fazendo no Brasil e na Argentina e um pouco esses doutorandos que vêm da Norte América, da França, da França também tem estudos muito bons sobre a Missões Jesuíticas.

REHR (Cássio): Professor muito obrigado e desculpe-nos por ter tomado tanto seu tempo.

¹⁵ CORTE SUPREMA DE JUSTICIA (Paraguay). *Digesto Normativo sobre Pueblos Indígenas en el Paraguay 1811-2003*. Asunción: División de Investigación, Legislación y Publicaciones, 2003.

Pe. Melià: Sim agora já é hora de..., eu sou da religião da sesta, mas também em espanhol se diz, *A las diez en la cama estás, mas bien antes que despues*. Então, às dez na cama estar antes melhor do que depois [risos].

Ficha técnica

Transcrição:

Fabiano Coelho

Fernanda Chaves de Andrade

Entrevista, apresentação, revisão, e notas:

Cássio Knapp

Thiago Leandro Vieira Cavalcante